

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM LETRAS**

**METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO
FUNDAMENTAL II EM UMA ESCOLA DE VÁRZEA DE PARINTINS/AM**

KIARA HENRIQUES SAMPAIO

**ORIENTADORA: PROF^a MsC. MARIA CELESTE DE SOUZA CARDOSO
COORIENTADORA: PROF^a DR^a EDINELZA MACEDO RIBEIRO**

**PARINTINS – AM
2023/2**

KIARA HENRIQUES SAMPAIO

**METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO
FUNDAMENTAL II EM UMA ESCOLA DE VÁRZEA DE PARINTINS/AM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
no âmbito da disciplina de Pesquisa e Produção
Acadêmica em Letras III como requisito do
curso de graduação em Letras da Universidade
do Estado do Amazonas – UEA.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Maria Celeste de Souza Cardoso (UEA)
Presidente

Luís Alberto Mendes de Carvalho (UEA)
Membro interno

Simone Souza Silva (UEA)
Membro externo

PARINTINS – AM
2023/2

METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTGUESA NO ENSINO FUDAMENTAL II EM UMA ESCOLA DE VÁRZEA DE PARINTINS/AM

Kiara Henriques Sampaio¹

Orientadora: Maria Celeste de Souza Cardoso²

Coorientadora: Edinelza Macedo Ribeiro³

RESUMO: Este artigo objetiva analisar de que forma as metodologias ativas podem contribuir para o ensino de Língua Portuguesa de alunos do Ensino Fundamental II em uma escola da área de várzea. Os objetivos específicos foram: verificar se as metodologias ativas estão presentes nas aulas de Língua Portuguesa de uma escola de várzea. Mostrar a importância de utilizar as metodologias ativas nas aulas de Língua Portuguesa. Propor uma oficina pedagógica aos alunos utilizando as metodologias ativas. A pesquisa está embasada em autores que realizam estudos acerca das Metodologias Ativas de Aprendizagem, como Lilian Bacich (2018), Soares (2021), além de autores que falam sobre ensino de Língua Portuguesa como Irandé Antunes (2003) e Marcuschi (2002); sobre educação do campo Arroyo e Fernandes (1999); Freire (2015) com a pedagogia da autonomia, e outros. A principal metodologia utilizada foi a de ordem qualitativa, a qual contou com análise de entrevistas com professores e questionário com alunos, apresentados de forma descritiva e fundamentada. Os resultados obtidos descrevem acerca da presença e importância do uso das metodologias ativas no ensino de Língua Portuguesa no ensino fundamental II em escola de várzea. E o resultado positivo de uma oficina com utilização da ferramenta gamificação, onde eles puderam aprender por meio de um jogo educativo, cujo intuito era torná-los ativos, participativos e engajados na aula.

Palavras-chave: Metodologias Ativas; Língua Portuguesa; Escolas de Várzea; Ensino Fundamental.

ABSTRACT: This article aims to analyze how active methodologies can contribute to teaching Portuguese language to Elementary School II students in a school in the floodplain area. The specific objectives are: to verify whether active methodologies are present in Portuguese language classes at a floodplain school. Show the importance of using active methodologies in Portuguese language classes. Propose a pedagogical workshop to students using active methodologies. It is based on authors who carry out studies on Active Learning Methodologies such as Lilian Bacich (2018), Soares (2021). In addition to authors who talk about teaching and LP such as Irandé Antunes (2003) and Marcuschi (2002). About rural education Arroyo and Fernandes (1999). Freire (2015) with the pedagogy of autonomy, and others. The main methodology used was qualitative, which included analysis of interviews with teachers and a questionnaire with students, presented in a descriptive way. The important results obtained were about the presence and importance of using active methodologies in teaching Portuguese in elementary school II in a floodplain school. And the positive result of a workshop using the gamification tool, where they were able to learn through an educational game, whose aim was to make them active, participatory and engaged in the class.

Keywords: Active Methodologies. Portuguese language. Várzea Schools. Elementary School.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise de que forma as metodologias ativas podem contribuir para o ensino de Língua Portuguesa de alunos do Ensino Fundamental II em uma escola da área de várzea. Uma vez que, essas ferramentas exercem uma importância significativa para o ensino, pois uma das principais vantagens da utilização dessas metodologias em sala de aula é estimular o desenvolvimento e a autonomia do aluno como pessoa, cidadão e

¹ Acadêmica do oitavo período de Licenciatura em Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas.

² Mestre em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas. Professora no Centro de Estudos Superiores de Parintins-UEA/CESP.

³ Doutora em Desenvolvimento Sustentável pela UnB. Professora no Centro de Estudos Superiores de Parintins-UEA/CESP.

profissional. A escolha desta temática deu-se a partir de observação dos inúmeros dilemas que o professor encontra em sala de aula diariamente. E nas escolas da área de várzea, por exemplo, onde há toda uma adaptação em relação ao período escolar, o qual é diferente das áreas de terra firme, por conta deste fenômeno natural pelo qual essas regiões passam.

Partindo deste pressuposto foi importante verificar se as metodologias ativas estavam presentes nas aulas de Língua Portuguesa de uma escola de várzea. E, conseqüentemente, propor uma oficina pedagógica com a utilização dessas ferramentas aos estudantes para de fato mostrar como elas funcionam e como podem contribuir com o ensino de Língua Portuguesa.

Com as Metodologias Ativas de aprendizagem, o ensino é feito por meio de práticas que trabalham com diferentes conceitos de maneira repetida e com várias formas de um retorno imediato. Visto que a área do Paraná do Espírito Santo do Meio, onde a escola está inserida, é de várzea e fica nessa transição de ciclos naturais, passando alguns meses com a cheia e outros com a vazante, neste contexto, esses tipos de ferramentas de aprendizagem podem servir como um auxílio para os estudantes aprenderem de forma mais autônoma, principalmente na área rural de várzea, que é bastante atingida pela cheia dos rios, dificultando o acesso dos alunos à escola durante a enchente.

Neste contexto, houve o seguinte questionamento: De que forma as Metodologias Ativas podem contribuir para o ensino de Língua Portuguesa dos alunos do Ensino Fundamental em uma escola da área de várzea? E a partir disso buscar uma resposta a esta questão.

É importante levar em consideração as questões que nortearam esta pesquisa, porque dialogam com o problema, observando que há uma certa diferença entre as primeiras duas questões: as metodologias ativas são usadas no ensino de Língua Portuguesa na escola de ensino fundamental II na área de várzea? Os professores de Língua Portuguesa conhecem as metodologias ativas e as utilizam em suas aulas? Conhecer e utilizar são termos completamente diferentes e por isso não podem ser confundidos. E, por fim, oficinas utilizando as metodologias ativas podem proporcionar melhoria no ensino de Língua Portuguesa, tornando os alunos mais ativos e focados na aula? Ressaltando a relação direta com os objetivos específicos da pesquisa.

Esta proposta surgiu do interesse de analisar de que forma as Metodologias Ativas podem contribuir nas aulas de Língua Portuguesa em uma escola de Ensino Fundamental II da área de várzea do município de Parintins-AM, especificamente por possuir um calendário escolar que é atípico por conta dos fenômenos naturais pelos quais essas áreas são atingidas em boa parte do ano. Assim, espera-se que os resultados deste estudo possa servir como apoio metodológico para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Esta temática possui grande relevância para o cenário educacional porque busca promover reflexões acerca da inserção do aluno no centro do processo de ensino, não só para área de várzea, mas para todo e qualquer espaço onde haja promoção da educação. Além disso, é importante ressaltar que Metodologias Ativas “caracteriza pela inter-relação entre educação, cultura, sociedade, política e escola, sendo desenvolvida por meio de métodos ativos e criativos, centrados na atividade do aluno com a intenção de propiciar a aprendizagem.” (Bacich e Moran, 2018, p. 17), mesmo envolvendo estes eixos apontados pelos autores, o enfoque principal sempre é o estudante e sua aprendizagem.

A pesquisa está embasada em autores que realizam estudos acerca das Metodologias Ativas de aprendizagem como Lilian Bacich (2018), Neusi Berbel (2011), Soares (2021), além de autores que falam sobre ensino e L.P como Irlandé Antunes (2003), Marcuschi (2002), sobre educação do campo Arroyo e Fernandes (1999), Freire (2015) com a pedagogia da autonomia e outro.

Este artigo está organizado primeiramente por introdução, seguido de referencial teórico com dois tópicos, metodologia, análise e discussão dos resultados, considerações finais, referências e obras consultadas.

1 REFERENCIAL TEÓRICO: METODOLOGIAS ATIVAS E ESCOLAS DE VÁRZEA DO ENSINO FUNDAMENTAL

1.1 METODOLOGIAS ATIVAS: O QUE É E COMO FUNCIONAM?

Metodologias ativas de aprendizagem “dão ênfase ao papel protagonista do aluno, ao seu envolvimento direto, participativo e reflexivo em todas as etapas do processo, experimentando, desenhando, criando, com orientação do professor” (Moran, 2018, p. 41). As tecnologias de informação tornam o processo de ensino mais eficaz, pois os alunos tendem a estar mais motivados e engajados quando são encorajados a participar ativamente do processo de aprendizagem, melhorando assim a qualidade do ensino e reduzindo as taxas de evasão escolar, visto que é um processo com o qual eles já estão acostumados, porque a internet está constantemente presente no dia a dia desses estudantes. Soares (2021) afirma que:

É imprescindível que os professores promovam encontros que incentivem a leitura, a discussão e a apropriação de metodologia, possibilitando que a equipe pedagógica encontre os caminhos e ações que fazem mais sentidos para a realidade escolar. As metodologias promovem inovação da escola, mas é preciso ter em mente que ações isoladas e desconectadas não tornam a instituição inovadora, mas sim o conjunto compreendido por intenção pedagógica, metodologias que atendam a esses objetivos, avaliação integral e intervenção. (Soares, 2021, p. 74).

As observações da autora são importantes, porque ajudam a tornar o processo de aprendizagem mais significativo, envolvente e interativo, mas é preciso levar em consideração esse conjunto de fatores, pois os alunos não apenas recebem informações pelo professor que é a autoridade maior em sala de aula, neste sentindo também são encorajados a explorar, investigar e construir seu próprio conhecimento enquanto autores dessa jornada. “Ao ajudarmos o aluno a pensar na intenção do autor, ou de quem encomendou o texto, estaremos analisando na procura de marcas linguísticas dessa intencionalidade” (Kleiman, 2002, p.54).

Promover ensino no qual o aluno seja o centro, é uma das principais características das Metodologias Ativas, porque visa tirar o aluno do lugar de ouvinte, agente passivo, enquanto o processo de aprendizagem acontece. A obra “Pedagogia da Autonomia”, de Paulo Freire (2011) destaca:

A memorização mecânica do perfil do objeto não é aprendizado verdadeiro do objeto ou do conteúdo. Neste caso, o aprendiz funciona muito mais como paciente da transferência do objeto ou do conteúdo do que como sujeito crítico, epistemologicamente curioso, que constrói o conhecimento do objeto ou participa de sua construção (Freire, 2015, p. 67).

Vale ressaltar que as ideias de Freire vão ao encontro à temática em estudo, pois são metodologias estão alinhadas de acordo com as necessidades e expectativas desse mundo moderno. Afinal, essas habilidades e competências são necessárias para o sucesso em uma sociedade cada vez mais complexa e interconectada, que são totalmente diferentes das tradicionais de memorização e repetição de informações, como a educação bancária, por exemplo.

Com essa dualidade que o ensino oferece, a língua materna que é feita com base em gêneros textuais, também será umas das muitas áreas beneficiadas, uma vez que, todos os meios se voltam para a evolução e melhoria do ensino. Marcuschi (2002) destaca o seguinte:

Caracterizam como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidade e atividades socioculturais, bem como a relação com inovações tecnológicas, e que facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existente em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (Marcuschi, 2002, p. 1).

Além disso, as metodologias ativas de aprendizagem funcionam de modo que auxiliam na promoção de desenvolvimento de habilidades importantes do educando, como o pensamento crítico, a resolução de problemas, a colaboração, a comunicação e a criatividade, podendo agregar positivamente na vida pessoal e profissional do estudante.

Por meio das múltiplas metodologias ativas é possível mudar o formato das aulas, e incluindo a tecnologia no processo educacional, logo o objetivo de facilitar o acesso aos materiais que aprofundam o que foi ensinado pelo professor, tornam-se cada vez mais eficazes e, assim, o aluno pode desenvolver sua autonomia no meio educacional, deixando de ser apenas ouvinte e passando a exercer um papel ativo no processo de aprendizagem.

O engajamento do aluno em relação a novas aprendizagens, pela compreensão, pela escolha e pelo interesse, é condição essencial para ampliar suas possibilidades de exercitar a liberdade e a autonomia na tomada de decisões em diferentes momentos do processo que vivencia, preparando-se para o exercício profissional futuro. (Berbel, 2011, p. 19).

Essas características de apresentar “autonomia, interação, capacidade de análise, participação, engajamento, cooperação, responsabilidade e comprometimento” (Soares, 2021, p.103) são fundamentais, não só para o futuro do estudante, mas para exercitar a capacidade dessa criança em pensar por conta própria sobre aquilo que deseja aprender. Paulo Freire (2000) destaca:

As crianças precisam crescer no exercício desta capacidade de pensar, de indagar-se e de indagar, de duvidar, de experimentar hipóteses de ação, de programar e de não apenas seguir os programas a elas, mais do que propostos, impostos. As crianças precisam ter assegurado o direito de aprender a decidir, o que se faz decidindo. Se as liberdades não se constituem entregues a si mesmas, mas na assunção ética de necessários limites, a assunção ética desses limites não se faz sem riscos a serem corridos por elas e pela autoridade ou autoridades com que dialeticamente se relacionam (Freire, 2000, p. 25).

As metodologias ativas são importantes para colaborar com o ensino e torná-lo flexível, porque partem de inúmeras estratégias e abordagens que visam criar um ambiente reflexivo e principalmente participativo para os estudantes, onde possam criar, experimentar, compartilhar ideias e aprender junto com os colegas sob orientação do professor.

Portanto, toda prática educativa exerce grande importância na vida do ser humano, visto que, todas essas práticas giram em torno da formação do estudante e, por isso, usar métodos que possam estimular ainda mais e incentivar a busca pelo conhecimento irá sempre ao encontro do modelo tradicional, uma vez que essas metodologias colocam o aluno no centro desse processo e tornam o professor o mediador desse ensino.

1.2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO CONTEXTO DE SALA DE AULA EM UMA ESCOLA DE VÁRZEA

As escolas de várzea são aquelas situadas nos territórios de várzea. Trata-se de lugares sujeitos aos fenômenos típicos de enchentes e vazantes dos rios da Bacia Amazônica. Há um

período anual que varia mais ou menos entre abril/maio e vai até julho e durante esses meses as populações são acometidas pelo fenômeno da enchente. Por essa razão, a secretaria de educação elabora um calendário diferenciado. O qual, de acordo com o Art. 23 §2º da Lei no 9.394/1996 da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) diz que “o calendário escolar deverá adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas, a critério do respectivo sistema de ensino”, ou seja, independentemente das questões naturais do ambiente, a educação precisa ser efetivada. O Art. 28, nessa questão, destaca que:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I – Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II – Organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III – adequação à natureza do trabalho na zona rural. (Brasil, 2018, p. 21).

Desta maneira, assegurados pela lei, todos e quaisquer território é passível de educação para seus habitantes e isto independe da localização e das condições naturais do lugar, uma vez que os indivíduos envolvidos neste contexto podem adequar-se ao meio no qual estão inseridos e também podem fazer adaptações necessárias no sistema educacional de acordo com as necessidades do território, seja várzea ou terra-firme, campo ou cidade desde que haja valorização e dignidade do rural.

A escola do campo está ligada a um conceito mais amplo que é a educação do campo que “compreende os processos culturais, as estratégias de socialização e as relações de trabalho vividas pelos sujeitos do campo em suas lutas cotidianas para manterem essa identidade como elementos essenciais de seu processo formativo.” (Molina e Freitas, 2011, p.19). O Conselho Nacional de Educação (CNE) juntamente com a Câmara de Educação Básica (CBE) em sua resolução CNE/CEB nº 02 de 28/04/2008, art. 1º destaca que:

A Educação do Campo compreende a Educação Básica em suas etapas de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Profissional Técnica de nível médio integrada com o Ensino Médio e destina-se ao atendimento às populações rurais em suas mais variadas formas de produção da vida – agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da Reforma Agrária, quilombolas, caiçaras, indígenas e outros. (Brasil, 2008 p. 25).

De acordo com esta resolução, os moradores desses territórios possuem o direito de permanecer em seu local de origem e receber educação sem precisar abandonar sua identidade e cultura. E a educação do campo agrega todos que fazem parte desse ensino que se processa nos territórios rurais. Também é importante apontar que ela possui uma forte relação com as lutas e movimentos sociais que se articulam em volta da educação básica do campo.

Os movimentos sociais carregam bandeiras de luta popular pela escola pública como direito social e humano e como dever do estado. Nas últimas décadas os movimentos sociais vêm pressionando o Estado e as diversas esferas administrativas a assumir sua responsabilidade no dever de garantir escolas, profissionais, recursos e políticas educacionais capazes de configurar a especificidade da Educação do Campo. No vazio e na ausência dos governos os próprios movimentos tentam ocupar esses espaços, mas cada vez mais cresce a consciência do direito e a luta pela Educação do Campo como política pública. (Arroyo; Caldart; Molina, 2011 apud Fonseca, 2021, p. 6).

Para que a educação chegasse nesses territórios, as políticas públicas precisaram entender por meio desses movimentos sociais a necessidade de se ter uma educação de qualidade e comprometida em permitir que a população local tenha acesso a ela “o campo não está parado, o campo está vivo e que não só há no campo uma dinâmica social, ou movimentos sociais no campo, também há um movimento pedagógico” (Arroyo e Fernandes, 1999, p.14).

O ensino de Língua Portuguesa nas escolas da área de várzea ocorre de maneira relativa ao seu calendário escolar, o qual é diferente do calendário das escolas de terra firme. Dessa forma, pode-se dizer que o ensino de Língua Portuguesa está em constante transformação, por isso a busca por novos métodos que possam somar de maneira satisfatória para a evolução do ser humano enquanto cidadão em processo de familiarização com a sociedade, será sempre bem-vinda.

Diante disso, os quatro pilares do ensino da L. P. de acordo com a BNCC (leitura, escrita, oralidade e análise linguística/semiótica) estão interligados, porque trabalham de forma interrelacionada para que o estudante possa ficar cada vez mais familiarizado com aquilo que está estudando. E o professor como mediador irá aos poucos contribuir para o avanço deste processo. No entanto, Freire (2001) deixa claro que este processo não precisa necessariamente ser um enchimento de palavras em cabeças vazias. E o autor continua afirmando que:

O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem. Na verdade, tanto o alfabetizador quanto o alfabetizando, ao pegarem, por exemplo, um objeto, como laço agora com o que tenho entre os dedos, sentem o objeto, percebem o objeto sentido e são capazes de expressar verbalmente o objeto sentido e percebido. Como eu, o analfabeto é capaz de sentir a caneta, de perceber a caneta e de dizer caneta [...] é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. (Freire, 2001, p. 14).

Com essa ideia freiriana de estimular o educando a pensar, imaginar e verbalizar aquilo que está pensando, surge essa necessidade em que os professores precisam buscar novos meios e métodos que venham suprir essa demanda de seus alunos, com total intuito de fazer com que o estudante coloque em prática tudo aquilo que aprendeu. Ainda Freire (2015), corrobora com essa interrelação que deve existir entre o aprendiz e professor.

Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo. Daí a impossibilidade de vir a tornar-se um professor crítico se, mecanicamente memorizador, é muito mais um repetidor de frases e de ideias inertes do que um desafiador. (Freire 2015, p. 29).

E é a partir de perspectivas como esta que, enquanto professor em sala de aula e com responsabilidade em agregar ao conhecimento de seu aluno, deve levar em consideração que este educando precisa ser estimulado a pensar por si próprio, mas de maneira que não o faça se sentir incapacitado, porque o educador sempre é visto como o detentor do saber e isso gera desconforto nos estudantes na hora de ler, falar, escrever por medo de errar. De acordo Antunes (2003), o aluno se vê frustrado no seu esforço de estudar, por causa das enormes dificuldades de leitura e se julga incapaz de aprender deixando de fazer valer aquilo que é um direito seu, quanto a aprendizagem, o estudo, a educação.

Em vista disso, as Metodologias Ativas podem ajudar de maneira significativa este aluno dando a liberdade de escolher como, onde e sobre o que quer aprender, mas sem deixar de receber instruções do professor para que esse processo seja mais prático e fácil para ambos, mas “os professores, como mediadores, devem estar sempre atentos aos objetivos que pretendem atingir com cada proposta de trabalho.” (Soares, 2021, p.103), vê-se então a necessidade do bom planejamento das aulas.

Nesta perspectiva é bom que o professor se apoie nos resultados apresentados pelos alunos, seja em leitura, seja em escrita, para decidir o que vai selecionar como próximo objeto de estudo, para que não fique ensinando aquilo que os alunos já sabem ou deixe de ensinar aquilo que eles precisam saber. Convém ainda que o professor converta cada momento de avaliação num tempo de reflexão, de pesquisa, ou seja, de ensino e aprendizagem, de reorientação do saber anteriormente adquirido. (Antunes, 2003, p. 160).

Não basta só utilizar de métodos e ferramentas para ampliar o contexto de aprendizagem em sala de aula, também é preciso planejar o modo como será feita a avaliação dos alunos perante a utilização das metodologias ativas em relação ao conteúdo, sempre esclarecendo os objetivos das propostas apresentadas.

Uma das ferramentas que unindo ao ensino de Língua Portuguesa pode fazer com o estudante seja ativo e interessado nas aulas é a gamificação. “O termo gamificação é uma palavra originária do inglês gamification, e foi mencionada pela primeira vez nas indústrias de mídias digitais por volta de 2008 [...] com o objetivo de suscitar nos jogadores as mesmas sensações de conquistas que os jogos proporcionam”. (Costa, 2020, p. 316). Pensando nisso, os professores podem planejar suas aulas e atrelar o conteúdo a esta metodologia para engajar mais os alunos.

Para adultos, segundo Cabral (2015) quanto mais rápido um problema for solucionado, melhor, evitando perda de tempo e abrindo espaço para outras situações do dia a dia, mas como seria possível se tornar um adulto capaz de solucionar rapidamente qualquer situação desagradável sem ter sido uma criança, adolescente, jovem que tenha estado em contato com uma aprendizagem baseada em situação-problema? Desta maneira, sem possuir experiências, aquilo que parecia ser simples de se resolver acabaria por se tornar algo difícil e de grande complexidade.

A escola deve ser um lugar que proporcione aprendizagens que façam sentido para o estudante, fazendo com que essas experiências se aproximem das condições reais da vida em sociedade. Então, se faz necessário criar estratégias para que os alunos possam desenvolver suas habilidades para que no futuro sejam profissionais capacitados, onde a busca pela resolução de problemas comece na comunicação e dê aberturas às inúmeras inovações, fortalecendo cada vez mais a criatividade e o trabalho, seja ele em equipe ou individual. Moran (2018) destaca:

As metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa. (Moran, 2018, p. 17).

Formar alunos que sejam capazes de solucionar problemas, tornando-os o centro do processo de ensino-aprendizagem, é um dos principais eixos promovidos pelas metodologias ativas, visto que os professores possuem um leque de opções que contribuem para que isso aconteça, porque cada vez mais, elas vêm ganhando espaço nas esferas educacionais, logo, se faz necessário que essas metodologias estejam integrando os conteúdos curriculares para fortalecer o processo de integração entre teoria e prática.

O ensino de Língua Portuguesa na escola de área de várzea enfrenta desafios, mas está em constante transformação para atender os moradores dessas localidades. Ressalta-se ainda que é um direito do povo varzeiro e essa realidade é a de muitos que escolheram viver nesses territórios. Então, em vista disso, percebe-se a importância desse ensino chegar até esses espaços rurais de várzea.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia utilizada nessa pesquisa, se constituiu numa parte muito importante, porque foi por meio dela que as ações planejadas foram realizadas no sentido da coleta e análise de dados. Além disso, a metodologia serve como um guia e/ou manual para cada etapa desta pesquisa, uma vez que através dela todos os passos foram seguidos minuciosamente para que o resultado esperado fosse alcançado com êxito.

Considerando o objetivo deste trabalho, a principal Metodologia utilizada nesta pesquisa foi a de ordem qualitativa que conta com “observações, aplicação de questionários, entrevistas e análise de dados que deve ser apresentada de forma descritiva” (Oliveira, 2013, p. 37). E contou primeiramente com pesquisa bibliográfica, com a finalidade de investigar trabalhos que abordam esta temática, com alguns critérios, como a seleção de obras e artigos que discorrem sobre esse tema e falem de sua importância tanto para o ensino de Língua Portuguesa como para as demais áreas da educação. Em seguida, uma breve pesquisa de campo, cuja finalidade foi investigar de que forma as metodologias ativas podem contribuir para o ensino de Língua Portuguesa dos alunos do Ensino Fundamental II em uma escola da área de várzea.

Para a coleta de dados foi usada a entrevista estruturada com os professores da instituição lócus da pesquisa e foi realizada a partir de uma visita feita à escola para a recolha de dados os quais foram analisados posteriormente.

Durante a pesquisa de campo foi realizada entrevista com uma professora do curso de Pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP, a qual trabalha com educação do campo. Um professor de Língua Portuguesa do curso de Letras, também do CESP. Um responsável da Secretaria Municipal de Educação – SEMED, pelas escolas de várzea, um professor da instituição lócus da pesquisa, e um professor da rede estadual de ensino que faz constante uso das Metodologias Ativas de Aprendizagem em suas aulas.

Foi aplicado um questionário com perguntas de respostas abertas e fechadas para os alunos da instituição. Além disso, foi apresentada uma proposta de uma oficina com a utilização das metodologias ativas também aos alunos do educandário com o intuito de observar a atuação desses estudantes mediante o uso das Metodologias Ativas de aprendizagem.

Para as entrevistas com os professores que participaram da pesquisa foram organizadas perguntas relativas à temática do projeto, mas levando em consideração o momento em que eles se encontram, se dentro ou fora da sala de aula.

Foi feita uma viagem até a escola da área de várzea para fazer um diagnóstico inicial juntamente com a aplicação de um questionário com questões abertas e fechadas para os

educandos de Ensino Fundamental II. A escolha do questionário para os alunos foi pensada pela questão da praticidade, visto que também “é um instrumento de coleta de dados [...]” (Lakatos, 2006, p. 203) e seria mais fácil para os estudantes na hora de responder às questões apontadas, uma vez que continham indicador de *sim* e *não* caso não se sentissem à vontade para elaborar uma resposta escrita.

Para cada professor que participou da pesquisa, foi elaborada uma entrevista com questões inerentes a sua função dentro do cenário educacional local, assim, cada participante pôde responder por meio de áudio (com autorização para uso de fins científicos), sobre o que lhe foi perguntado.

Para tanto, usar uma metodologia que possibilite fazer uma boa pesquisa implica na necessidade de conhecer, delimitar, escolher, ler e analisar tudo o que será usado como material para fins de comprovação científica e dar veracidade àquilo que está sendo estudado, usando da clareza para garantir um trabalho de qualidade.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: QUESTIONÁRIOS, ENTREVISTAS E OFICINA PEDAGÓGICA

Os dados coletados na pesquisa de campo apresentaremos neste artigo de forma descritiva. Primeiramente será analisado o questionário com respostas das questões propostas, que foi aplicado aos alunos do Ensino Fundamental II da escola de várzea, apresentando fragmentos de algumas respostas desse questionário. No segundo momento será apresentada a análise das respostas dos professores das entrevistas realizadas com eles, apresentando algumas respostas como base para o que está sendo analisado. E posteriormente, a análise sobre a proposta de oficina com a utilização de metodologias ativas de aprendizagem.

3.1 Aplicação do Questionário aos alunos do Ensino Fundamental

Durante a pesquisa de campo foi aplicado um questionário aos alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II da escola de várzea, que aconteceu em uma visita feita ao educandário. E o intuito deste questionário foi a busca por respostas que pudessem abrir uma discussão acerca do tema investigado.

Optamos por colocar o indicador de ()*sim* e ()*não* para as perguntas, pois dessa maneira aquele aluno que não se sentisse confortável em escrever uma justificativa poderia pelo menos marcar um dos indicadores de resposta apontados no final de cada pergunta e assim se tornaria mais fácil para todos os envolvidos. Embora a maioria tenha utilizado o indicador para responder às questões, a maioria fez questão de escrever justificativas.

De um total de 40 alunos das quatro séries do Ensino Fundamental II presentes na escola durante a coleta dos dados, foram questionados: você gosta da disciplina de Língua Portuguesa? 27 alunos responderam *sim* e 13 responderam *não* para esta primeira pergunta do questionário. A partir dessas respostas, é possível observar que a maioria dos alunos dizem gostar das aulas de L. P. E questionados ainda sobre o porquê, 7 deles responderam que “...a Língua Portuguesa ensina muitas coisas boas, como se dialoga com as pessoas...”; “porque estudamos a diversidade das palavras”; “a Língua Portuguesa é importante para os alunos”. Por essas respostas, percebe-se que há uma ideia formada sobre o ensino da L.P e principalmente sobre sua importância para esses estudantes.

E no caso da segunda pergunta, quanto a terem dificuldades para aprender a disciplina, 25 alunos responderam que *sim* e 15 que *não*, e entre as respostas dadas por esses alunos temos: “acho fácil algumas coisas como interpretar textos; ler eu gosto muito de ler”; “eu presto atenção e por isso não tenho dificuldade”; “Língua Portuguesa não é uma disciplina difícil, realmente, “aprender uma língua é, portanto, adquirir, entre outras coisas, o conhecimento das regras de formação dos enunciados dessa língua.[...] não existe falante sem conhecimento de gramática” (Antunes, 2003, p. 86). Neste cenário, com as respostas abertas ficou bastante explícito que mesmo os estudantes dizendo gostar da disciplina, a maioria possui dificuldades: “eu tenho dificuldade sim, eu quero aprender Língua Portuguesa”; “as vezes é a escrita difícil”; “porque as vez não sei lê e nem escrevê muito”. Mas “isso não significa dizer que todo falante sabe o que é um adjunto adnominal, ou um dígrafo, ou um verbo intransitivo” (Antunes, 2003, p.86), ou seja, há uma certa distância entre você gostar e ser suficientemente bom naquilo que gosta.

A intenção principal deste questionário era descobrir se os alunos daquele educandário já conheciam as Metodologias Ativas de Aprendizagem, então, sobre essa questão, 16 alunos responderam que *sim*. E dentre esses estudantes houve quem justificou sua resposta dizendo que conheceu a partir daquele momento após uma breve explicação sobre o tema. E outros 24 responderam que *não*, mas que tinham interesse em conhecer sobre elas. Logo, a quarta questão também seria majoritariamente para *não*, visto que se não conhecem as metodologias ativas não havia possibilidade de saber quando elas estavam sendo usadas pelo professor em suas aulas de L.P.

Para a questão sobre participar de uma oficina com uso de Metodologias Ativas, 32 estudantes responderam que *sim*, têm interesse em conhecer essas Metodologias Ativas, porque julgam que elas deixariam as aulas mais atrativas, mais dinâmicas e interessantes, e assim,

poderiam sair na rotina: “*sim porque eu acho que é muito legal*”; “*... a gente poder aprender metodologias*”; “*eu quero saber como é para poder aprender*”; “*a metodologia é legal, concerteza vou aprender melhor*”; “*porque é muito divertido*”. No entanto, não é só para isso que essas ferramentas servem, “as metodologias ativas são entendidas como práticas pedagógicas alternativas ao ensino tradicional” (Valente, 2018, p. 77). Dessa forma, a proposta de oficina além de mostrar o que são e como de fato funcionam, essas ferramentas vão colocar o aluno no centro e torná-lo mais ativo, incentivando-o a ir cada vez mais longe quanto à questão da busca pelos seus conhecimentos, seja dentro ou fora da sala de aula.

A questão sobre o professor levar em consideração o cotidiano dos alunos é bastante interessante, porque a realidade dos estudantes das escolas de várzea é totalmente diferente de educandos das escolas da cidade. Na zona rural, o aluno aprende diversas coisas que são repassadas de pai para filho que o educando da cidade não tem conhecimento e vice-versa, “o direito ao conhecimento e à cultura é muito mais do que ler, escrever, contar. Não se trata de empobrecer a educação do campo, mas de enriquecê-la.” (Arroyo e Fernandes, 1999, p. 31). Assim, se faz necessário ter a sensibilidade quando se trata de saberes que não provêm do meio escolar, mas que são experiências que contêm a identidade do morador da área de várzea.

Neste sentido, 26 alunos responderam *sim* para esta questão, “*ele dá exemplo do cotidiano pra poder nós entender o assunto que ele passa pra nós*”; “*ele sempre está levando em consideração o que a gente aprende fora da sala de aula*”; “*ele respeita nós e nós respeitamos também*” foram algumas das respostas abertas no questionário.

A partir dessas respostas, é possível perceber que o professor de L.P certamente entende que não pode deixar de lado essa questão e tem “cuidado com colocar esse saber letrado como se fosse a única janela para entender o mundo” (Arroyo e Fernandes, 1999, p.31), pois diz respeito às tradições, costumes, saberes e credences do lugar onde está inserido e que isso agrega de forma positiva na construção do conhecimento que provém por meio da escola aos alunos e, por isso, é importante dar o devido valor a esse conhecimento de mundo que o estudante traz do seu cotidiano e, assim, torná-lo cada vez mais preparado.

Para a questão sobre a utilização das Metodologias Ativas nas aulas, 24 alunos responderam *sim* e em algumas justificativas escritas por eles, há argumentos como “*leitura dramática e teatro*”. E observando a rotina das aulas, a qual é bastante cansativa, pode-se dizer que as metodologias ativas podem contribuir para que os educandos possam ter gosto pelas aulas de Língua Portuguesa.

Para a última questão, o intuito era descobrir como os estudantes gostariam que as aulas de L.P fossem e já usando desse artifício para saber como eles acham que seria mais propício para a aprendizagem. Então, algumas das respostas que obtivemos foram: *“gostaria que as aulas tivessem mais diálogo, acho que eu iria aprender mais”*; *“mais divertida”*, *“aqui na escola e lá fora também”*; *“mais leitura”*, *“ir no quadro”*, *“menos difíceis”*. Essas foram as respostas mais recorrentes para esta última pergunta do questionário.

Há uma questão a ser observada, o professor que ministra as aulas de Língua Portuguesa no educandário lócus desta pesquisa, não possui formação com habilidade plena na área, mas como é de conhecimento público, há algumas razões para que isso aconteça nas escolas de zona rural, uma vez que não se têm docentes com formação específica nessas localidades. Outra questão que influencia é a distância, a qual também contribui para que isso aconteça. A falta de acesso, a precariedade e muitas vezes até insalubridade são alguns dos componentes que somam para que essa situação continue. E uma pessoa que está acostumada com a vida na cidade, por menor que seja, e que nunca tenha visto de perto a realidade da zona rural certamente sentirá essa diferença e terá bastante dificuldade na adaptação.

Um professor formado em Letras com habilidade em Língua Portuguesa pode ministrar além das aulas de L.P, aulas de outras disciplinas também, e essa é uma situação mais comum do que se imagina. Assim, o docente já fica com receio de ir trabalhar em uma escola de zona rural por conta dessas situações, então, aqueles que por necessidade e por precisar de experiência chegam até lá para exercer suas funções já vão cientes de que serão professores de mais de uma disciplina independente de sua formação, como é o caso da maioria dos professores da escola lócus da pesquisa, os quais estão trabalhando com disciplinas que são chamadas de áreas afins, ou seja, aquelas disciplinas que se relacionam e/ou possuem afinidades. Entretanto, isso também é uma jogada do poder público para conter gastos, porque a educação ainda é vista como gasto e não como investimento. E se um professor fizer o papel de dois ou três pelo preço de um, com certeza será conveniente para quem deveria assegurar os direitos salariais aos educadores.

A partir dessa situação, ficam muitos questionamentos, mas o que mais chama a atenção é quanto ao ensino de Língua Portuguesa que se torna defasado. Desta forma, quem mais perde com tudo isso são os alunos que não possuem escolha, cujo único direito assegurado por lei é o acesso à educação. Mas quanto a ser de qualidade já se sabe que muitas vezes fica a desejar.

3.2 Entrevista com professores da Educação Básica, da Universidade e Representante da SEMED.

Para os professores foi elaborada uma entrevista estruturada com questões voltadas para as Metodologias Ativas e o ensino de Língua Portuguesa, a fim de saber quais os conhecimentos desses docentes acerca da temática desta pesquisa. Ressalta-se ainda que foram educadores de diferentes setores do campo educacional, para tanto, foi elaborada uma entrevista de acordo com a função que cada um está exercendo no momento, mas todas relacionadas ao tema em questão. E para fim de privacidade, os participantes desta entrevista serão identificados por Professor (a): A, B, C, D e E.

A pergunta pertinente na entrevista foi: *Você conhece as Metodologias Ativas de Aprendizagem?* Para esta questão, a resposta sim foi unanimidade. Havendo até breves conceitos dessas metodologias, como: *Sim, o conceito da Metodologia Ativa de Aprendizagem, são metodologias que intervêm, são usadas como ferramentas pra que tenha o aluno como centro no processo de ensino-aprendizagem*, explica o Professor A, mas o principal interesse era saber se todos conheciam o assunto e o resultado desse primeiro questionamento foi totalmente positivo. E ainda nesta linha, todos foram questionados quanto ao uso dessas metodologias em suas aulas, e neste caso, tivemos respostas destoantes, então, é nítido que há um certo espaço entre o conhecer e o utilizar. Dos que dizem utilizar, a sala de aula invertida e a gamificação foram as mais citadas.

Embora pareça novidade, esta proposta é bastante corriqueira, “na abordagem da sala de aula invertida, o aluno estuda previamente, e a aula torna-se o lugar de aprendizagem ativa, onde há perguntas, discussões e atividades práticas” (Valente, 2018, p. 83), o que já acontece bastante em algumas áreas de estudo, onde o estudante precisa ler o material para que no momento de aula debater com o professor e os colegas em sala de aula. Mas vale ressaltar que nesse modelo “a produção de material para o aluno trabalhar on-line e o planejamento das atividades a serem realizadas na sala de aula presencial” (Valente, 2018, p. 85), são essenciais para um bom funcionamento dessa ferramenta denominada de sala de aula invertida.

Quanto a gamificação, Moran (2018, p. 59) esclarece que “os jogos e as aulas roteirizadas com a linguagem de jogos – a chamada gamificação – estão cada vez mais presentes no cotidiano escolar e são importantes caminhos de aprendizagem para gerações acostumadas a jogar” e o professor por sua vez, pode utilizar dessa ferramenta para transformar suas aulas em algo mais atrativo e principalmente mais acessível aos educandos.

Quanto à seguinte pergunta: *Considera importante o uso das Metodologias Ativas para o ensino de Língua Portuguesa?* E mais uma vez 100% das respostas foi sim. Entretanto, mesmo alguns professores não utilizando diariamente essas metodologias em suas aulas, ainda

assim consideram que elas contribuem positivamente no ensino da L.P, e isso se dá devido a essas ferramentas servirem como eixo para tornar o aprendizado mais significativo.

Nossa, se eu for observar o antes e depois das Metodologias Ativas, eu posso dizer que elas contribuem muito, mas elas exigem um pouco mais de trabalho e um pouco mais de recursos... E até mesmo que todas as esferas da educação cooperem para que isso seja viável para o professor, mas elas sem dúvida nenhuma tornaram os meninos mais motivados e mais envolvidos com a disciplina. (Professor B).

É importante. É fundamental. Essencial. É necessário porque a escola precisa não apenas trabalhar as formalidades do ensino da Língua Portuguesa, por exemplo, que é o nosso campo de atuação, mas também precisa encaminhar proposta de reflexão a respeito da própria condição de discente de Língua Portuguesa. (Professor C).

Observando essas respostas de dois dos professores entrevistados que estão em constante uso das metodologias em seu dia a dia nas aulas de L.P, percebemos que essas ferramentas possuem potencial gigantesco em relação ao processo de ensino-aprendizagem, não só por tornar o aluno o centro desse processo, mas por deixá-lo cada vez mais capacitado e principalmente interessado no seu desenvolvimento enquanto estudante. Moran (2018) afirma:

A personalização, do ponto de vista do educador e da escola, é o movimento de ir ao encontro das necessidades e interesses dos estudantes e de ajudá-los a desenvolver todo o seu potencial, motivá-los, engajá-los em projetos significativos, na construção de conhecimentos mais profundos e no desenvolvimento de competências mais amplas. (Moran, 2018, p. 42).

A motivação dos estudantes é sempre um ponto a ser explorado, porque “tudo o que fazemos está preso a um interesse” (Antunes, 2003, p. 80), seja pessoal ou profissional, e usar disso para fins educacionais também é importante porque viabilizam o processo de aprendizagem dos alunos.

Perguntados sobre *Quais as dificuldades enfrentadas no âmbito escolar em relação à leitura e à escrita?* Uma das respostas foi sobre a falta de formação de professores e isso retoma a questão abordada anteriormente sobre os educadores não possuírem habilidade plena em Língua Portuguesa, e mesmo assim, aceitarem a responsabilidade de ministrar aulas da disciplina e isso acaba refletindo na aprendizagem dos alunos porque “o ideal é que o aluno consiga perceber que nenhum texto é neutro, que por trás das palavras mais simples, das afirmações mais triviais, existe uma visão de mundo, um modo de ver as coisas, uma crença” (Antunes, 2003, p.82), mas com a base educacional fraca, quando os pais também não possuem essa cultura leitora e escritora dentro de casa, seja por falta de tempo ou de escolaridade, se torna mais difícil alcançar esse objetivo proposto pela autora.

Outro fator citado em relação a esta questão foi o uso da internet, visto que hoje é muito mais rápido procurar uma informação no google. “O docente propõe o estudo de determinado

tema e o aluno procura as informações básicas na internet, assiste a vídeos e animações e lê os textos que estão disponíveis na web” (Moran, 2018, p.57) ao invés de ler sobre ela em um dos livros disponíveis na biblioteca, então, é como se a escola estivesse em uma espécie de competição com esse avanço das redes e os alunos buscam sempre o lado mais fácil e prático, como afirma um dos entrevistados: *a escola, geralmente fica em segundo plano quando se trata dessa competição por chamar a atenção, por prender a atenção pra despertar o interesse do discente pra que ele seja sensibilizado a ponto de querer estudar*, enfatiza Professor C.

E seguindo neste quesito sobre leitura e escrita, para a pergunta *O que seria necessário para formar alunos leitores e escritores na escola?* A resposta de um dos docentes tem relação com a questão acima sobre a internet, mais especificamente sobre pelo menos tentar sensibilizar os educandos sobre o uso demorado desta ferramenta e mostrar que o mundo vai além desse espaço virtual, principalmente quando se trata de leitura e escrita. Outra resposta que chama bastante atenção é a seguinte:

Primeiramente que o professor seja um leitor e que ele seja um escritor, porque como é que eu vou cobrar: ei você fulano lê. Fulano produz um texto, mas se ele não me vê produzindo, não me vê lendo? Então o professor tem que educar também pelo exemplo, ele tem que suscitar junto com os alunos... Vamos produzir juntos? Vamos escrever juntos? É possível? Então o professor tem que ser o exemplo e ele tem que ser o grande motivador. (Professora D).

Esta questão muito bem colocada é um ponto crucial na formação do aluno leitor e escritor, porque fala desse ponto importante onde o aluno vê o professor como um exemplo, logo, seu comportamento e suas ações serão refletidas na imagem de seus educandos, mesmo que estejamos falando sobre a importância de tornar esse estudante o centro do processo de ensino-aprendizagem, ele não deixa de enxergar no educador uma referência, então nada mais justo do que ser o motivador principal dessa formação.

É interessante observar que todas as perguntas estão interligadas de alguma forma, e por isso, as respostas também se conectam, e perguntados sobre: *De que forma você desenvolve as atividades de leitura e escrita em sala de aula?* Essas três questões em especial, se entrelaçam porque o fio condutor é o mesmo, leitura e escrita, mas em óticas diferentes. Sendo importante salientar que os entrevistados trabalham com produção textual como maior veículo de escrita, leitura e oralidade, mas de maneiras diferentes, ganhando destaque o seguinte:

Eu sempre começo com alguma dinâmica. Uma situação assim que eles não vejam aquilo como um fardo, como algo pesado, porque geralmente quando se fala em leitura ou em escrita, os meninos já vem assim com aquela situação, ai eu vou escrever, ai eu vou ler, e as vezes eles não têm esse costume, se não tem esse costume, eles já vem com aquela antipatia por aquele procedimento, então eu sempre venho

com alguma dinâmica, as vezes eu termino a escrita e eles: “*nossa, isso daí... eu acabei escrevendo um texto*”. (Professor A).

É a partir de mecanismos como este que os professores precisam trabalhar para que o aluno não se sinta obrigado a ter que produzir algo porque será cobrado, mas que aos poucos vá criando gosto ao modo que o educador vá lhe mostrando que há meios para que esse processo se torne mais simples e prático.

Estabelecer metas com prazos, e mais do que isso, estar junto acompanhando o discente nessa construção também é importante. Fazer uma leitura dramatizada que trabalhe a oralidade certamente irá contribuir nesse desenvolvimento do aluno. E principalmente fazer o estudante entender que leitura e escrita andam lado a lado, uma não sobrevive sem a outra, elas se complementam, logo, se você quer ser um bom escritor, ser um bom leitor é o primeiro passo.

Voltando para a temática das metodologias, os participantes da entrevista responderam a seguinte questão: *De que forma as Metodologias Ativas podem contribuir com ensino-aprendizagem de alunos do Ensino Fundamental? De uma forma potente desde que o professor não utilize as metodologias de forma desarticulada do conteúdo.* (Professor D). É importante saber fazer uso dessas ferramentas, mas sem deixar de seguir os eixos, habilidades e competências previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

A seleção de habilidades na BNCC está relacionada com aqueles conhecimentos fundamentais para que o estudante possa apropriar-se do sistema linguístico que organiza o português brasileiro.

Alguns desses objetivos, sobretudo aqueles que dizem respeito à norma, são transversais a toda a base de Língua Portuguesa. O conhecimento da ortografia, da pontuação, da acentuação, por exemplo, deve estar presente ao longo de toda escolaridade, abordados conforme o ano da escolaridade. Assume-se, na BNCC de Língua Portuguesa, uma perspectiva de progressão de conhecimentos que vai das regularidades às irregularidades e dos usos mais frequentes e simples aos menos habituais e mais complexos. (Brasil, 2018, p. 139).

Desta maneira, fica evidente a importância de estar sempre atento quanto ao que rege os documentos de orientação pedagógica para não cometer equívocos que possam pôr em risco a aprendizagem dos estudantes. Além dos mais, esses documentos são uma espécie de referências que servem para organizar os regimentos escolares, então, vê-se a magnitude de usar ferramentas como as Metodologias Ativas nas aulas de L.P, mas sem deixar de adequá-las aos eixos, habilidades e competências previstas na BNCC para alunos do Ensino Fundamental.

Agora voltando esta questão para alunos de escolas de áreas de várzea, há situações que precisam ser levadas em consideração, como por exemplo, o saber que o estudante já possui, que são aqueles conhecimentos adquiridos no seio familiar. E o professor quando chega na zona rural para dar aulas precisa entender isso independente do ensino que provém por meio da

escola, e assim, fazer uma espécie de articulação de saberes entre o que o educando precisa aprender e o que já sabe. No entanto, para que isso aconteça se faz necessário que o docente seja bem preparado, *porque se o professor não tem uma boa formação, ele pode ou trabalhar só de forma mecânica, somente os conteúdos ou somente os saberes das práticas, então não vai ser significativa porque os alunos já sabem* (Professor E), ou seja, um educador bem formado certamente ofertará uma boa educação ao estudante, independentemente de ser área de várzea ou terra firme.

Um dos conceitos das Metodologias Ativas de Aprendizagem é tornar o estudante o centro no processo de ensino, por esta razão todos os educadores participantes desta pesquisa receberam a seguinte pergunta: *Considera relevante tornar o aluno o centro do processo de ensino-aprendizagem?* Dar protagonismo ao educando não tira a autoridade do professor “o professor atua como mediador, facilitador, incentivador, desafiador, investigador do conhecimento, da própria prática e da aprendizagem individual e grupal” (Bacich, 2018, p. 254), do conhecimento em sala de aula, por isso ambos detêm uma parcela de responsabilidade nessa busca pelo conhecimento.

O aluno querer aprender é tão importante quanto o professor querer ensinar, porque não adianta somente um lado possuir esse desejo que certamente não irá funcionar. Além disso, a família também precisar estar junto com o estudante nessa caminhada educacional, porque há valores que somente o seio familiar consegue repassar. E sendo o educando o centro do processo, ele pode também engajar mais os próprios pais no cotidiano escolar, não necessariamente na instituição propriamente dita, mas no dia a dia em casa e no tempo em que ele dedica ao estudo.

3.3 Proposta de Oficina com utilização de Metodologia Ativa

Um dos objetivos específicos da pesquisa foi a proposta de uma oficina utilizando as Metodologias Ativas de Aprendizagem para agregar ao Ensino de Língua Portuguesa para os alunos do Ensino Fundamental II na escola de várzea lócus da coleta de dados da pesquisa.

Para a oficina em questão, a escolha do assunto girou em torno de um déficit dos alunos, apontado pelo professor que ministra as aulas de L.P naquela instituição. E levando em consideração o conteúdo que estava sendo trabalhado com os estudantes, de acordo com o plano bimestral do educandário, assim, houve a continuação deste, que era “sobre e separação de sílabas, de reconhecimento de dígrafos, encontros vocálicos e consonantais” (Antunes, 2003, p. 27) e outros, como hiatos; ditongo e tritongo; sílaba tônica; oxítonas; paroxítonas e proparoxítonas.

Agregar as Metodologias Ativas de Aprendizagem ao ensino de Língua Portuguesa parece bastante desafiador na teoria, mas o fato é que, quando bem planejado e ajustado às habilidades e competências da Base Nacional Comum Curricular, essas ferramentas podem contribuir de forma bastante positiva para o ensino, e em vista disso, houve a articulação dos saberes entre o conteúdo da disciplina, o conhecimento prévio dos estudantes e as Metodologias Ativas.

Para esta oficina foi usada a estratégia de atrelar o conteúdo a um jogo que dentro das metodologias ativas é intitulado de gamificação que “voltada ao professor em que persiste a intenção de aplicabilidade como metodologia de ensino e aprendizado em seu plano de aula.” (Costa, 2018, p. 316), e por meio dele, fazer com que os estudantes participassem da dinâmica de forma ativa e autônoma.

Antes de iniciar com o jogo, foi abordado o assunto que seria parte da dinâmica seguinte, então para esse momento, os alunos foram reunidos no pátio da escola em uma espécie de semicírculo sentados em cadeiras da sala de aula, de maneira que todos pudessem ver com facilidade o que estava sendo escrito no quadro, então partimos para aplicação do conteúdo. Bacich (2018) afirma que:

Uma organização do espaço eficiente é aquela que facilita os momentos de apresentação de conteúdos que precisam ser expostos e, também, possibilita a organização dos estudantes em grupos para a construção de conceitos que dependam de discussão e de reflexão para serem elaborados. Essa flexibilidade do espaço é essencial para ações colaborativas de formação de conceitos. (Bacich, 2018, p. 263).

Organizar o espaço também faz parte do processo de usar as metodologias ativas, *com uma adequada organização do espaço, as ações de ensino e aprendizagem podem ser potencializadas* (Bacich, 2018, p. 263), uma vez que os alunos deixam de ser meros espectadores em cadeiras enfileiradas e passam a agir como parte importante na funcionalidade da sala de aula.

Após a organização da turma, passamos para a apresentação do conteúdo sobre separação silábica já mencionado. Neste momento, enquanto o assunto era esclarecido, os alunos permaneceram em seus lugares e prestando atenção no que estava sendo explicado e respondendo às perguntas que eram feitas acerca do conteúdo, porque “o professor deve valorizar, deve estimular cada tentativa, cada conquista do aluno, favorecendo, em todo momento, a formação de uma autoestima elevada, responsável, agora e sempre, pela disposição de tentar falar” (Antunes, 2003, p. 159); e para cada resposta dada, recebiam elogios por estarem de fato interessados e sabedores do que estava sendo estudado.

No momento do jogo, a dinâmica começou com a divisão de quatro equipes com 10 alunos das quatro séries do Ensino Fundamental cada uma. Após a divisão foi explicado os procedimentos e regras da atividade. A atividade contou com uma pista de corrida com largada e chegada, com 4 carrinhos de cores diferentes que foram distribuídos por cores entre os grupos.

As palavras que eram sorteadas por um membro de cada grupo para fazer a correta separação silábica, estavam em envelopes de cores diferentes separados por fase do jogo. Cada grupo tinha um tempo de 30 segundos para uma conversa entre os participantes do seu grupo para em comum acordo fazer a separação das sílabas e escolher um colega para ir ao quadro mostrar essa separação silábica.

Para cada correta separação silábica, o carrinho do grupo que acertava avançava um e/ou dois quadrinhos na pista de corrida. Se o grupo errava a separação silábica, atrás da palavra sorteada continha um indicador do que deveria ser feito, exemplo: volte um quadrinho; permaneça no mesmo lugar; uma rodada sem jogar etc. Foram feitas três fases, na primeira, nível 1, apenas palavras monossílabas e dissílabas. Na segunda, nível 2, palavras trissílabas e na última, nível 3, palavras polissílabas. Venceu o grupo que o carrinho alcançou primeiro a linha da chegada. Soares (2021, p. 97) diz que “não é necessário ter uma premiação material; a própria condição de ganhador é a maior recompensa, em um contexto de jogo no qual o maior prêmio é o conhecimento”. Em vista disso, não houve uma premiação, além do título de equipe vencedora da dinâmica, cuja finalidade foi torná-los ativos e engajados na atividade.

A finalidade deste procedimento era verificar como os alunos reagiriam mediante a um jogo com finalidade pedagógica e conseqüentemente torná-los ativos e autônomos, visto que *os jogos mais interessantes para a educação ajudam os estudantes a enfrentar desafios, fases, dificuldades, a lidar com fracassos e correr riscos com segurança* (Moran, 2018, p. 67). Corroborando com a ideia do autor, Soares (2021) destaca que:

Na utilização desse recurso, o engajamento dos alunos ocorre por meio das missões encontrada no jogo, superando obstáculos de uma forma desafiadora. Além disso, o ambiente lúdico contribui para a motivação e compreensão do aprendizado[...] Outro fator que deve ser levado em consideração é a emoção que o jogo provoca nos jogadores. É na condução das emoções que emergem na ação de jogar que os professores identificam, intervêm e auxiliam os estudantes na superação de suas limitações. (Soares, 2021, p. 98).

O propósito era colocar o aluno no centro e dar protagonismo a ele para usar de sua autonomia para enfrentar os desafios que eram propostos e resolvê-los de forma rápida e em conjunto com os colegas, feito isso, estaria sendo trabalhado o compartilhamento de ideia e

cooperatividade para trabalhar em equipe e solucionar os problemas que estavam sendo mediados.

Quanto a escrita e a leitura, foi feita uma pequena dinâmica onde cada aluno deveria escrever no seu caderno um pequeno texto com a utilização de um encontro vocálico, consonantal, dígrafo ou qualquer um dos elementos apresentados sobre separação silábica. Além disso também eram questionados sobre o assunto que estava sendo apresentado, se estavam entendendo, se sabiam o que era um hiato, ditongo, Thadei (2018) quando o aluno responde ou explica o que está sendo perguntado também serve para mostrar o quanto ele aprendeu. Após a escrita do texto, cada um deveria ler o seu e dizer qual recurso empregou e onde, e em seguida ir até o quadro mostrá-lo já fazendo a separação das sílabas daquela palavra onde ele se encontrava.

Assim, as metodologias ativas carregam consigo a proposta de ampliar os olhares do professor para o papel das tecnologias mediante esse processo de ensino-aprendizagem. Além disso, podem contribuir para que as aulas fiquem cada vez mais práticas e com interfaces acessíveis para todos que estão sempre em busca de evolução, independente da área de estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste artigo foi analisar como as metodologias ativas podem contribuir para o ensino de Língua Portuguesa de alunos do Ensino Fundamental II em uma escola da área de várzea. Tornando-o cada vez mais acessível e de certa forma mais prático para que os educandos aprendam sendo protagonistas no próprio processo de ensino. Neste sentido, a escola tem que propiciar o protagonismo discente, alcançando a autonomia do próprio processo de aprendizagem, sendo engajadas, ativas, diferentes do modelo tradicional, onde o professor era o centro do processo educacional.

Assim, as metodologias podem contribuir tirando o discente da passividade escolar na qual ele apenas ouve e o coloca como agente ativo e envolvido no próprio processo de aprendizagem. Para isso, é importante utilizar todas as ferramentas disponíveis a fim de tornar as aulas de L. P. mais atraentes, contextualizadas e envolventes. Quando se percebe que mesmo o estudante não conhecendo as metodologias ativas, ele tem interesse em saber o que é e como funcionam, seja por curiosidade ou por diversão, percebemos que há uma porta aberta para a recepção de novas propostas de ensino. Então, o professor pode aproveitar para inserir esta opção às suas aulas e articular com os conteúdos programáticos para fomentar o conhecimento de seus alunos.

As metodologias ativas estão presentes nas aulas de Língua Portuguesa e são utilizadas por alguns professores. Na escola de várzea, a presença dessas ferramentas é de forma indireta, porque na maioria das vezes, o educador não percebe que está fazendo uso dessas ferramentas, como é o caso da sala de aula invertida, a qual geralmente é recorrente quando o docente solicita leituras e/ou atividades para serem debatidas em sala de aula. Ressaltamos a importância de haver um planejamento para que de fato esta ferramenta seja atrelada à rotina das aulas. Então o conclui-se que essas metodologias não estão presentes e nem tampouco são utilizadas nas aulas de Língua Portuguesa dos alunos do Ensino Fundamental na escola de várzea, onde se realizou a pesquisa.

A oficina com a utilização de metodologias ativas foi o ponto alto da pesquisa porque envolveu os estudantes. A escolha da ferramenta gamificação foi certa, pois fez com que os alunos participassem ativamente da atividade proposta, e gerou a autonomia que os autores prometem acerca do ensino unido a essas metodologias. E pensando na terceira questão que norteou esta pesquisa, sobre oficinas utilizando as metodologias ativas podem proporcionar melhoria no ensino de Língua Portuguesa, tornando os alunos mais ativos e focados na aula? A resposta certamente é sim, uma vez que elas levam de fato o aluno a se envolver nesta jornada da busca pelo conhecimento, com proatividade, autonomia e protagonismo.

Adicionalmente, inferimos que a reflexão aqui levantada é bastante positiva. Além disso, em relação a engajar e motivar o aluno, seja perante os desafios encontrados dentro da sala de aula com a disciplina de Língua Portuguesa, seja preparando-o para enfrentar os problemas que lhe serão impostos na jornada de sua vida enquanto cidadão, as metodologias ativas têm participação direta. Então, que contemplem o processo de aprendizagem centrada no estudante, uma vez que merecem no mínimo, compreensão e respeito.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARROYO, Miguel Gonzalez; FERNANDES, Bernardo Mançano. **A educação básica e o movimento social do campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, 1999. Coleção Por Uma Educação Básica do Campo, n.º 2.

BACICH, Lilian. Formação continuada de professores para o uso de metodologias ativas. In: BACICH, Lilian; MORAN, José. (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

BERBEL, Neusi. As metodologias ativas e a promoção da autonomia dos estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**. Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Educação do Campo: marcos normativos. Brasília: SECADI, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CEB, nº 2 de 28 de abril de 2008. Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 29 abr. 2008. Seção 1, p. 25.

BRASIL : **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. 2. ed. Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018.

CABRAL, Caio César. Dewey e as relações entre natureza e experiência no ato Investigativo. **COGNITIO-ESTUDOS: Revista Eletrônica de Filosofia**, ISSN 1809-8428, São Paulo: CEP/PUC-SP, vol. 12, nº. 2, julho-dezembro, 2015, p. 170-178.

COSTA, Gercimar Martins Cabral. **Metodologias ativas: métodos e práticas para o século XXI**. Gercimar Martins Cabral Costa (Organizador). – Quirinópolis, GO: Editora IGM, 2020.

FONSECA, Mônica Pereira. **Olhares docentes da escola de várzea da comunidade Vila Nova: por entre banzeiros e barrancos**. Trabalho de Conclusão de Curso. Parintins: UFAM 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 42.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 51.ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 2002.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6.ed. São Paulo: Atlas 2006.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. et al. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MOLINA, Mônica Castagna; FREITAS, Helena Célia de Abreu. Educação do Campo. **Em Aberto**, Brasília, v. 24, n. 85, p. 17-31, abr. 2011.

MORAN, José. Metodologias Ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, Lilian; MORAN, José. (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 5.ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2013.

SOARES, Cristine. **Metodologias ativas: uma nova experiência de aprendizagem**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2021.

THADEI, Jordana. Mediação e educação na atualidade: um diálogo com formadores de professores. In: BACICH, Lilian; MORAN, José. (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

VALENTE, José Armando. A sala de aula invertida e a possibilidade do ensino personalizado: uma experiência com a graduação em midialogia. In: BACICH, Lilian; MORAN, José. (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

OBRAS CONSULTADAS

BERGMANN, J.; SAMS, A. **Sala de Aula Invertida: uma Metodologia Ativa de Aprendizagem**. Rio de Janeiro: LTC, 2020.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

QUERIDO, Adriana Nascimento; MARTINS, Aira Suzana Ribeiro. A sala de aula invertida como experiência (estratégia) para compreensão leitora nas aulas de língua portuguesa. **Revista Philologus**, Ano 27, n. 80. Rio de Janeiro: CiFEFiL, mai./ago.2021.

SILVA, Maria Clara Medeiros; AQUINO, Lucélio Dantas de; SALES, Ednny Kelly de Almeida. **Revisão Sistemática de Literatura: metodologia sala de aula invertida no ensino de línguas no ensino básico**. Rio Grande do Sul: Línquatec, 2022.

VALENTE, José Armando; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; GERALDINI, Alexandra Fogli Serpa. Metodologias ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba 2017.